

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E GÊNERO: PERSONAGENS ADOLESCENTES EM QUESTÃO?

Ellen Borges Tenorio Galdino; Adélia Augusta Souto de Oliveira; Paula Orchiucci Miura; Luciana de Araújo Vieira.

*Universidade Federal de Alagoas, ellen.ufal@gmail.com*

### **Resumo**

Em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente, instituições de acolhimento são locais nos quais crianças e adolescentes permanecem sob a proteção do Estado, enquanto aguardam reintegração familiar ou designação para uma família substituta. O presente trabalho pretende relatar uma experiência durante o estágio curricular obrigatório do curso de Psicologia em uma instituição de acolhimento de Maceió/AL. Realizaram-se encontros potencializadores com intuito de produção de histórias de temática livre que resultaram em 9 histórias produzidas com a predominância de protagonistas masculinos. Percebeu-se que as narrativas apresentam associações do masculino à brincadeira, amizade e vínculo familiar, enquanto o feminino é associado à família na figura materna e a interesse sexual, repetindo valores machistas que compõe estruturalmente nossa sociedade. As atividades de produção de histórias possibilitaram o fortalecimento de vínculos entre os adolescentes e a estagiária, reforçando o valor da ludicidade no contexto de intervenção. Conclui-se a necessidade de intervenções que permitam uma rediscussão de papéis definidos culturalmente, possibilitando desconstruções de noções que perpetuem ideais machistas e excludentes.

**Palavras-chave:** Adolescência, Infância, Instituição de Acolhimento, Criação de História, Gênero.

### **INTRODUÇÃO**

No Brasil, a partir do reconhecimento de situações de vulnerabilidade, o Conselho Tutelar e o Juizado determinam a chegada da criança ou adolescente em instituições de acolhimento. Nesses locais, de acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), crianças e adolescentes são protegidos enquanto aguardam sua reintegração na família ou colocação em família substituta.

Assim, os assistidos devem permanecer no local por, no máximo dois anos, salvo em casos onde seja reconhecido que é do melhor interesse da criança ou adolescente permanecer na instituição por mais tempo. Esses locais têm seus parâmetros de funcionamento definidos por documentos oficiais como a cartilha Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (BRASIL, 2009) e o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006). A cartilha fundamenta o funcionamento de instituições de acolhimento, as organizando em quatro

modalidades, sendo elas: abrigo institucional, casa lar, serviço de acolhimento em família acolhedora e república. Para cada modalidade, são indicadas especificidades referentes a fatores como público-alvo, infra-estrutura, quadro de recursos humanos e aspectos físicos do local. Já o Plano, destaca a importância da convivência familiar e comunitária, objetivando garantir o direito da criança e do adolescente.

A partir de um estágio curricular obrigatório do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, foi vivenciada experiência em uma instituição de acolhimento no Estado de Alagoas. A instituição organiza-se como abrigo institucional, de acordo com a cartilha Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (BRASIL, 2009) e é vinculada à Secretaria Municipal de Assistência Social, fazendo parte da rede de alta complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Nessa perspectiva, construir histórias representa uma forma de elaborar questões internas (TOROSSIAN; XAVIER, 2012), bem como assume funções terapêuticas (WARPECHOWSKI, 2012). Assim, ao criar histórias, na

experiência de escritura, abre-se um campo intermediário entre o escutar e ser escutado, fantasia e realidade, verdadeiro e falso, estar dentro e estar fora, angústia e alegria. Contar histórias implica contá-las de diversas maneiras, poder dimensionar diversos ângulos ou pontos de vistas (TOROSSIAN; XAVIER, 2012, p. 221).

Para Warpechowski (2012), a contação de histórias é compreendida como forma de expressar de forma tolerável os sofrimentos cotidianos. Bettelheim (2002) cita possíveis sofrimentos infantis, como o medo do escuro, medo de animais e o medo da morte dos pais. Para o autor, além de oferecer a oportunidade de elaboração do conflito, as histórias permitem o reconhecimento de formas de resolução. Compreende-se que até mesmo na repetição de uma história, encontra-se uma forma de apropriação do texto (TOROSSIAN; XAVIER, 2012).

Histórias com temáticas de gênero permitem explorar situações do cotidiano. Assim, consideram-se as noções de gênero como construções históricas e sociais (LOURO, 1997), portanto relevante compreender e debater essas noções e suas determinações com os adolescentes. Assim, considerando a especificidade do local, o presente trabalho pretende relatar experiência de autoria, produção e criação de histórias, identificando as representações de gênero para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e em contexto de atendimento de alta complexidade.

## **POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E ALTA COMPLEXIDADE**

De acordo com dados publicados pela Fundação Abrinq pelos Direitos de Crianças e Adolescentes (2017), obtidos pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, as denúncias relacionadas à violação de direitos de crianças e adolescentes envolve: negligência (72,8%), violência psicológica (45,7%), violência física (42,4%), violência sexual (21,3%) e outras violências (8,6%), num quantitativo total de 153 mil denúncias. A partir desses dados, percebe-se a vulnerabilidade a qual um grande número, de crianças e adolescentes, está submetido no contexto brasileiro. No reconhecimento de situações como estas, o Sistema Único de Assistência Social institui a Proteção Especial de Alta Complexidade, visando garantir “proteção integral – moradia, alimentação, higienização e trabalho protegido para famílias e indivíduos que se encontram sem referência e, ou, em situação de ameaça, necessitando ser retirados de seu núcleo familiar e, ou, comunitário.” (BRASIL, 2004, p. 38).

As políticas brasileiras de assistência social buscam garantir a crianças e adolescentes proteção e direitos básicos, reconhecidos no ECA (BRASIL, 1990), como direito à saúde, educação, cultura, lazer e, à convivência familiar e comunitária. Imprescindível nesse cenário, tal estatuto regulamentou políticas de atendimento, medidas de proteção, situações onde ocorreu ato infracional, medidas de pais ou responsáveis e do Conselho Tutelar. O estatuto consolida-se como documento legislativo diretamente referente à infância e adolescência, priorizando o interesse de crianças e adolescentes. Tal publicação concede voz a estes grupos e os compreendes como sujeitos de direitos (ainda que de modo diferenciado dos adultos).

O direito à convivência familiar e comunitária é destaque nas políticas brasileiras de assistência social. No Plano Nacional de Assistência Social – PNAS (BRASIL, 2005), a busca pela garantia de tal direito consta nos objetivos centrais, bem como a proteção social básica e a inclusão e equidade de grupos. Também enfatizando esse direito, o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006) amplia o conceito de família (à consanguinidade, aliança e afinidade) e revisitando o conceito de família extensa, defende a convivência familiar como importante ambiente de cuidado para o desenvolvimento da criança e do adolescente, defendendo também programas em defesa da família, que venham a oferecer suporte, tornando possível evitar situações de vulnerabilidade. O reconhecimento da importância do vínculo familiar, em suas funções familiares, e do vínculo com a

comunidade, como fundamental na construção da identidade, são fundamentais para compreensão das particularidades de cada caso.

Assim, compreende-se que as instituições de acolhimento são detalhadamente regulamentadas pelo Estado e que a estadia nesses locais

não implica em privação de liberdade, mas em amparar a criança e ao adolescente no cumprimento de suas necessidades básicas e em sua reinserção social. Consiste em um serviço de proteção integral, que inclui moradia, alimentação, higiene, educação e lazer (STEGANI; BAGATIN, 2013, p. 3).

A instituição enfatizada neste trabalho funciona de acordo com todas estas normatizações, objetivando, em seu serviço, a proteção da criança e do adolescente e buscando garantir seu direito à convivência familiar e comunitária. Tal local organiza-se como abrigo institucional, de acordo com a cartilha Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (BRASIL, 2009). Desse modo, a instituição in loco situa-se em região residencial, em uma casa sem identificação de instituição de acolhimento, com amplo espaço para suprir necessidades básicas de moradia e lazer. Possui um numeroso quadro de recursos humanos, com cerca de 30 profissionais, abrangendo os três turnos durante toda a semana. A instituição é vinculada à Secretaria Municipal de Assistência Social e faz parte da rede de alta complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

## **CAMINHOS PARA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS**

Nesse contexto, foi elaborada e executada uma proposta de intervenção de produção de histórias, com a autoria e contação de histórias e produção opcional de desenhos para ilustrar a narrativa. Sabemos da importância do uso de desenhos como formas de expressão de conteúdos internos, especialmente no campo de produção de conhecimento da Psicologia. Silva et al (2010) destacam o uso de testes como o Roschach e o de Apercepção Temática (TAT), que se utilizam dessa ferramenta. Com relação às representações sociais, associando desenho à produção de uma história, o método Desenho-Estória com Temas, é destacado por Aiello-Vaisberg (1997). A intervenção proposta assemelha-se ao que o autor discute, porém, com tema livre. No entanto, inverte-se a sequência dos procedimentos, visto que primeiro foi sugerida a produção da história, para somente depois ser confeccionado o desenho. Para Spinillo (1993), a produção de histórias orais é um recurso que permite analisar a competência narrativa (esquemas, organização, construções e convenções) mesmo de crianças que ainda não foram alfabetizadas.

Neste trabalho focalizamos o conteúdo de cada narrativa e suas representações, a partir da criação e imaginação de cada criança e adolescente.

Dessa atividade, participaram oito crianças e adolescentes do sexo masculino, com idades entre 9 e 15 anos, que produziram nove histórias e desenhos. Cada assistido realizou a atividade individualmente, de modo que foi sugerido que criasse uma história, na qual tudo poderia acontecer, em qualquer época ou lugar. As histórias foram narradas por eles e transcritas pela estagiária. Após a produção, de forma opcional, os adolescentes poderiam produzir desenhos que ilustrassem a história criada.

Os autores das histórias foram identificados pelos nomes de personagens de animações, escolhidos pelas autoras, especialmente por suas características. Para tal etapa foram realizadas buscas de personagens de produções infanto-juvenis, bem como de suas personalidades. Ao fim, os participantes foram caracterizados da seguinte maneira: **Tai Kamiya**, pelo fato de o adolescente ter um irmão, e fazendo uma associação entre os animais citados na narrativa e digimons; **Buzz Lightyear**, por sua identificação com aventuras espaciais e por seu jeito extrovertido; **Jhonny Bravo**, por seu comportamento sedutor, esforçando-se para conquistar as pessoas à sua volta; **Bob Esponja**, por seu modo simpático e amigável de agir; **Charlie Brown**, destacando sua simpatia e doçura; **Goku**, devido a sua forma gentil de se relacionar com a equipe técnica, além de seu interesse por viajar; **Jackie Chan**, por sua simpatia e interesse por artes marciais; e **Wolverine**, por sua concentração e seriedade.

### ASSIM AS HISTÓRIAS SE APRESENTAM...

As histórias produzidas foram organizadas de acordo com as idades dos assistidos, em ordem crescente, considerando, de acordo com o ECA (BRASIL, 1990) crianças com idade de 0-12 anos incompletos e adolescentes de 12 a 18.

A primeira delas, “O menino que cuidava de vários animais”. Nessa história **Tai Kamiya**, criança de 9 anos, narra: um menino que cria, um a um, três animais, e vivencia o luto com cada um deles. O primeiro é um gato, de quem o menino cuida até que fique adulto e morra. O segundo é uma lagartixa, também cuidada até crescer, sendo solta para encontrar a família, pelo fato de o menino não ter mais paciência. E o terceiro é um cachorro, que cresce até ficar velho, roubar carne de um prédio e ser morto. No fim da história, o menino, já velho, também morre.

Intitulada “Pai corajoso”, uma história de aventura foi criada por **Buzz Lightyear**, criança de 9 anos. Sua narrativa indica que, em um jogo de bola entre dois meninos, a bola cai na lua e eles iniciam uma busca. (Neste dia houve jogo de futebol na casa). O menino pergunta ao pai se sabe ir até o espaço, e chega até o avô, que mora na China e é astronauta. A bola, num trajeto de volta para a Terra, encontra um meteoro, fura e cai no Sol, com uma queimadura. Encontra uma nave, que com um raio forte do Sol, cai na Terra, numa planta. O pai e o avô se machucam e as pessoas ajudam a tirar a nave, quebrada. O menino então, ao ver uma estrela cadente e desejar poder, recebe um poder de tudo. Passa a salvar as pessoas. Luta com homens perigosos, que com um soco, vão parar no espaço. Já adulto, joga bola com o filho. Uma mulher pega a bola e corre, fazendo com que o pai a siga para pegar a bola. Ao subir no prédio e ver um brilho forte da mulher, cai na água e encontra um Megalodon e um Tiranossauro-Rex, os quais mata. Entra na nave e busca o chefe de zerar (fazendo referência a jogos de videogame).

Devido a pedidos, esta criança produziu uma segunda história, intitulada “Macaco Esperto”. Na sala, havia uma caixa de lápis de cor, ilustrada com dois macacos. Buzz Lightyear iniciou então uma história onde dois macacos eram “felizes para sempre”. Uma moça compra o “macaco macho”, que era “arengueiro” e muito querido. Porém, por bagunçar a casa da mulher, o macaco retorna ao zoológico. Lá encontra sua namorada e com ela vê um meteorito cair. Uma “cobra macho” aparece e pega a macaca. O macaco a defende e ameaça matar a cobra caso a machuque de novo. A cobra foge de medo e é engolida por um sapo. “Os macacos ficaram felizes brincando de pega-pega para sempre” e são comprados por uma pessoa e ficam quietos. Veem e chutam uma cobra e ficam felizes para sempre.

Em “Um sapo correu pelo mar”, **Jhonny Bravo**, criança de 10 anos, faz autorreferência, conta já ter ido a Belém e encontrado um cachorro, que latia. Ele corre e se esconde na areia do mar. Encontrando caranguejos, dos quais não gostava, mata um e fica desesperado. Entra então no fundo do mar. Depois entra em uma cidade e pede informações. Descobre estar em Olho das Águas. Encontra um cachorro e o pega, mas seu dono aparece e o leva. Fica desesperado por não saber onde estava. Então chega numa cidade que conhecia, encontra a família e chora de alegria.

Na história intitulada “Alegria”, o adolescente **Bob Esponja**, de 12 anos, f autorreferência. Na narrativa, apresenta-se e descrevem seus hobbies como jogar bola e andar de bicicleta. Afirma querer uma nova família e apresenta a instituição de acolhimento (ilustrada), como local no qual se encontra uma nova família, para “ficar com bondade e alegria” (sic).

Em “A menina que foi pro abrigo”, **Charlie Brown**, adolescente de 13 anos, narrou a trajetória de uma menina desde sua chegada à instituição de acolhimento até sua saída. Chegando à atividade, pensativo e sorridente, o adolescente criou toda a história antes de começar a narrar, diferente dos demais adolescentes, que a criaram durante a narrativa. Após a narrativa, ilustrou a história desenhando a instituição de acolhimento. Em sua produção, uma menina foge de casa e é levada ao acolhimento institucional pelo Conselho Tutelar, no local faz novas amizades e continua indo à escola. Aos 18 anos, por ter completado a maioridade, a menina sai da instituição, porém já com emprego e casa. Assim compra coisas para a casa e vai visitar a mãe para confirmar se está tudo bem.

“O coelho é doido” foi uma história onde **Goku**, adolescente de 15 anos, descreveu um coelho que gosta de comer cenoura e laranja e que pula e fica doido quando come. Isso porque ao comer sente dor. “Foi como uma flecha no coração” (trecho final da história).

A história “As férias” foi criada por **Jackie Chan**, adolescente de 15 anos. Na atividade, o adolescente não conseguia pensar em uma narrativa. Iniciou assim pelo desenho, a partir do qual criou a história. Enquanto desenhava cantou e conversou a respeito de seu gosto por luta. A história apresenta uma família feliz que viaja para diferentes lugares nas férias. Motivada pelo sonho do filho de assistir a luta do Sena, a família viaja para a Califórnia para ir ao WWE.

A narrativa “O menino e sua fama”, criada por **Wolverine**, adolescente de 15 anos, conta a história de um menino que cantava e era famoso. Seus pais não trabalhavam, pois pediam dinheiro ao filho. Um dia o dinheiro acaba e nunca é recuperado. Vão à falência.

## **HISTÓRIAS DE ADOLESCENTES E SIGNIFICAÇÃO DE GÊNERO**

No campo conceitual podemos abordar que na infância, a criança conhece seu ambiente, aprendendo palavras, representações e conceitos, compreendendo seu contexto em formas e relações, de modo a significar e ressignificar criativamente sua realidade. Já a adolescência é um período no qual são vivenciadas descobertas “das próprias limitações, de curiosidade por novas experiências, caracterizada pela necessidade de integração social, pela busca da independência individual, do desenvolvimento da personalidade e definição da identidade sexual” (SOARES et al., 2008, p. 486).

No contexto de análise devemos considerar a especificidade da condição dos adolescentes em situação de acolhimento institucional, que vivenciaram vulnerabilidades nas diversas formas de

violências. Nas produções, observa-se a presença dessa curiosidade nas narrativas de aventura, bem como o apelo à representação de família (seja como desejo, seja como relação conflituosa).

Do ponto de vista das reflexões sobre gênero podemos observar que, de acordo com Louro (1997), as noções de gênero são construídas e transformadas a partir de fatores sociais e históricos. Desse modo, a compreensão dessas representações precisa considerar uma sociedade em seu tempo e espaço, a qual, em seus grupos, pode apresentar diversos modos de compreensão de gênero. Essas noções fariam parte da identidade de cada sujeito. Atualmente, essas representações são atravessadas pela influência da mídia. Segundo Alves (2016), os adolescentes são mais vulneráveis à influência da mídia e não percebem como são influenciados. Para a autora, "a mídia com seu poder de persuasão apresenta um mundo de informações referentes à sexualidade aos adolescentes, mas não os capacita a lidar com as consequências dessas atitudes" (ALVES, 2016, p. 3). Em uma pesquisa realizada em Florianópolis (SC), Baggio et al (2009) identificaram que, apesar de a mídia expor o corpo feminino e encobrir o masculino, adolescentes de uma periferia expressaram, em desenhos, os gêneros de forma inversa. Enquanto os adolescentes ressaltaram genitais masculinos, representando poder e dominação; as adolescentes apresentaram o feminino como retraído e submisso, preocupado em esconder o próprio corpo. De acordo com Hoff (2004), a mídia manteve o corpo feminino como centro de seu interesse, privilegiando sua exposição, enquanto ocultou o corpo masculino. Associou assim o masculino ao trabalho, projeção, paternidade e casamento. Já o feminino, erotizado, foi associado à sedução, maternidade e outros papéis, no intuito de atingir ao público masculino.

Percebe-se que, entre as nove narrativas produzidas, somente uma apresentou como protagonista uma personagem do sexo feminino, enquanto 8 apresentaram protagonistas personagens masculinos. Se considerarmos as histórias como projeção de si, os personagens permitiram uma expressão de adolescentes meninos. Louro (1997) destaca que é a partir da valorização da sociedade a determinadas características em um tempo histórico que vai construir a representação de gênero, de modo que "para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos." (p. 21). Desse modo, é perceptível que nesse contexto, os adolescentes destacam em suas narrativas as relações de amizade, família e brincadeira, positivadas no ambiente masculino e entre meninos. Por outro lado, as meninas foram associadas à função materna ou como objeto de desejo.

A história que destaca o feminino narra a trajetória de uma menina desde sua chegada à instituição de acolhimento. Outra personagem de destaque é a mãe, representada como preocupação da filha, que a visita para confirmar que está bem. Interessante notar que o masculino não aparece nessa narrativa. Nas demais oito histórias, temos a representação de protagonistas masculinos, com representações de família, namoro e brincadeira. A figura masculina apresenta-se em personagens fortes, capazes de grandes feitos como ter conquistado a fama, salvar a namorada, cuidar de outro ser, enfrentar inimigo. Verificamos que as situações engendradas permitem a expressão de poder. Por outro lado, o feminino, pouco retratado, associa-se à fragilidade que necessita de um salvador, à maternidade, ao acolhimento institucional, à sexualidade. A noção da mulher como frágil é sinalizada nas histórias e podem retratar a rotina da instituição, onde é identificada a associação da mulher a tarefas domésticas; uma representação que pode ser associada ao machismo, visto que reflete “um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado” (DRUMONT, 1980, p. 82).

Entre as três crianças, surgiram mais histórias com conteúdo de aventura, enquanto entre os adolescentes, referências à família e situação de acolhimento institucional foram mais frequentes. Tal fator indica a importância da ludicidade na infância, de modo a reproduzir, com elementos de fantasia, a realidade. Na adolescência, situações verossimilhantes foram produzidas, em associação ao desejo pela família e representação da instituição de acolhimento.

## **CONCLUSÃO**

A autoria de histórias permite expressar e vivenciar, através de personagens e situações imaginadas, crianças e adolescentes, representações e sentimentos reais. Esse recurso permite uma interação entre narrador e a expectadora (estagiária). Essa vivência interativa e produtiva permite expressões imaginárias que repercutem positivamente na compreensão e operação psíquica de situações rotineiras.

As representações de gênero se caracterizam pelo feminino como mãe, protetora, que oferece carinho e cumplicidade; e o de objeto sexual, de modo a despertar interesse relacionado à sexualidade e afetividade. Temos uma manutenção da estrutura machista de sociedade, ou seja, uma visão machista da mulher, como dona de casa e objeto sexual, e do homem como respeitável, detentor de poder.

Conclui-se ainda pela relevância de intervenções que objetivem desconstruir e reelaborar as noções de gênero a partir de situações do cotidiano.

## REFERÊNCIAS

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Investigação de Representações Sociais. In: TRINCA, W. (org,) **Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias.** São Paulo: Vetor, 1997. p. 255-288.

ALVES, A. B. Adolescência e a Construção da Identidade: Análise e Discussão da Sexualidade e Influência da Mídia na Adolescência. In: Encontro Regional Norte de História da Mídia, 4, 2016, Rio Branco. Disponível em: <[www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/norte/4o-encontro-2016/gt-historia-da-midia-alternativa/adolescencia-e-a-construcao-da-identidade-analis-e-e-discussao-da-sexualidade-e-influencia-da-midia-na-adolescencia/view](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/norte/4o-encontro-2016/gt-historia-da-midia-alternativa/adolescencia-e-a-construcao-da-identidade-analis-e-e-discussao-da-sexualidade-e-influencia-da-midia-na-adolescencia/view)>. Acesso em: 13 jul 2017.

BAGGIO, M. A. et al. O significado atribuído ao papel masculino e feminino por adolescentes de periferia. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 872-878, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452009000400025>>. Acesso em 9 jul. 2017.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990.

\_\_\_\_\_. **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes.** 2ª ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. 169p.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional Assistência Social.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2005.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária.** Brasília, 2006.

DRUMONT, M. P. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo, n. 3, p. 81-85, 1980. Disponível em: <[seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377](http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377)>. Acesso em: 11 jul. 2017.

FUNDAÇÃO ABRINQ PELOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES. **Cenário da infância e adolescência no Brasil.** Nywgraf Editora Gráfica Ltda: São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.chegadetrabalhoinfantil.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Cenario-2017-PDF.pdf>>. Acesso em 30 maio 2017.

HOFF, T. M. C. Corpo masculino: publicidade e imaginário. **E-compós** [on-line]. 2004 Disponível em: <[www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/24/25](http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/24/25)> Acesso em 9 jul 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, R. B. F.; PASA, A.; CASTOLDI, D. R.; SPESSATTO, F. O desenho da figura humana e seu uso na avaliação psicológica. **Psicol. Argum.** Curitiba, v. 28, n. 60, p. 55-64, jan./mar. 2010. Disponível em: <[www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=3510&dd99=pdf](http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=3510&dd99=pdf)>. Acessado em: 11 jul. 2017.

SOARES, S. M. et al. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 485-491, Sept. 2008. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452008000300014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000300014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 jul. 2017.

SPINILLO, A. G. Era uma vez... e foram felizes para sempre: esquema narrativo e variações experimentais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 67-77, abr. 1993. Disponível em <[pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1993000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 jul. 2017.

STEGANI, Mônica Marcondes; BAGATIN, Thiago de Sousa. **O papel do psicólogo nas instituições de acolhimento de crianças e adolescentes sob custódia judicial e em situação de vulnerabilidade social**. Facel, Paraná, 2013. Disponível em: <[www.facel.com.br/pesquisa/O%20PAPEL%20DO%20PSIC%20C3%93LOGO%20NAS%20INSTITUI%20C3%87%20C3%95ES%20DE%20ACOLHIMENTO%20DE%20CRIAN%20C3%87AS%20E%20ADOLESCENTES%20SOB%20CUST%20C3%93DIA%20JUDICIAL.pdf](http://www.facel.com.br/pesquisa/O%20PAPEL%20DO%20PSIC%20C3%93LOGO%20NAS%20INSTITUI%20C3%87%20C3%95ES%20DE%20ACOLHIMENTO%20DE%20CRIAN%20C3%87AS%20E%20ADOLESCENTES%20SOB%20CUST%20C3%93DIA%20JUDICIAL.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2017.

TOROSSIAN, S. D.; XAVIER, M, A, Z. Contar e brincar entre a dor e o prazer - Intervenção e política no campo da assistência social. In: CRUZ, L. R.; GUARESCHI, N. (Org.). **O psicólogo e as políticas públicas de Assistência Social**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 205-227.

WARPECHOWSKI, M. B. ERA UMA VEZ... Contação de histórias na comunidade. In: CRUZ, L. R.; GUARESCHI, N. (Org.). **O psicólogo e as políticas públicas de Assistência Social**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 228-235.